

# O QUE SIGNIFICA VOLTAR A ADERIR À EUROPA?

Por George Friedman\*



*O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e o secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, participam da cúpula da OTAN, em Bruxelas (Foto: Reuters).*

*“A UE parece relutante em iniciar ações de longo alcance contra a China, preferindo ações mais modestas e menos arriscadas ... A clareza da missão da OTAN na Guerra Fria já não existe. Em uma questão fundamental para os Estados Unidos, retornar à Europa traz retornos mínimos.”*

A viagem do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, à Europa girou em torno de uma única questão com a qual quase todo mundo concorda: Biden não é Donald Trump. Nos Estados Unidos, aqueles que votaram em Trump – quase metade de todos os que votaram – lamentam esse fato. Os outros comemoram. Os europeus que estiveram presentes na reunião do G7 pareceram concordar que isso foi maravilhoso. Mas a maioria dos países europeus não faz parte do G7, é claro, e alguns, como a Polônia, temem Biden. Para muitos países europeus, a questão Trump-Biden não é um problema. O presidente russo, Vladimir Putin, disse que realmente achava que Trump era muito mais interessante do que Biden jamais poderia ser, mas percebeu que Biden ficaria bem, embora chato.

Goste-se ou não, a viagem foi sobre até que ponto Biden mudará a política dos EUA na Europa e na Rússia, o que significa que a viagem é sobre Donald Trump. A forma como foi colocada muitas vezes é que os EUA estão de volta ao lado da Europa, tal como estiveram desde a Segunda Guerra Mundial. O problema de usar isso como uma definição é que é difícil definir o que significa.

Após a Segunda Guerra Mundial, a União Soviética surgiu como uma ameaça para uma Europa dizimada pela guerra. Era urgente que os Estados Unidos ajudassem a reconstruir a Europa para que ela pudesse enviar forças militares para resistir aos soviéticos e estabilizar países como a França e a Itália que tinham partidos comunistas poderosos. O envolvimento dos EUA teve muito menos a ver com sentimentalismo do que com uma realidade geopolítica que forçou a Europa Ocidental e os Estados Unidos a um sistema de alianças abrangente. Apesar de toda a conversa sobre virtude piedosa, era muito cedo para falar de valores compartilhados com a Alemanha e a Itália e, mais tarde, quando os EUA precisaram de bases submarinas na Espanha, Washington se obrigou a ser educado com Francisco Franco. A relação EUA-Europa foi construída com base na necessidade, não em valores compartilhados.

Isso mudou em 1991. A União Soviética entrou em colapso e, com ela, o propósito da OTAN. Sua missão era bloquear ou impedir um ataque soviético na Europa Ocidental. A Europa e os Estados Unidos criaram forças militares adequadas para a missão, e cada membro tinha uma área designada de responsabilidade. Mas hoje, não há União Soviética, um fato que os países europeus descobriram recentemente, diminuindo dramaticamente suas forças militares de acordo. Uma aliança militar não pode realmente existir sem militares. Portanto, se os russos avançassem para o oeste, a Alemanha, por exemplo, seria pressionada para colocar uma força significativa. Os EUA ficariam obrigados por tratado a se engajar e teriam que carregar o peso. Quando Trump sugeriu a retirada de 10.000 soldados da Europa, os europeus viram isso como os EUA abandonando seu compromisso. Trump exigiu esforços iguais de outros membros.



O início da década de 1990, é claro, também introduziu outra mudança maciça no sistema global: o tratado de Maastricht. Isso é importante para a questão da OTAN porque uma das forças motrizes na criação da OTAN foi que a Europa não tinha capacidade econômica para colocar em campo uma força militar eficaz. Não havia razão para que a Europa, uma vez recuperada, não pudesse se defender. Não era irracional para a Europa querer que os EUA assumissem mais responsabilidade

pela segurança nos anos do pós-guerra, nem era irracional para os EUA fazê-lo; deu-lhe a capacidade de evitar a guerra, mantendo a decisão fora das mãos de europeus que haviam sido francamente irresponsáveis em 1914 e 1939. Mas a questão agora é que o produto interno bruto da União Europeia e da zona de livre comércio da América do Norte são aproximadamente iguais. Neste ponto, é difícil ver qual é o propósito da OTAN, ou que valor ela tem para os Estados Unidos. O foco principal de Washington é a China, e a OTAN quase não desempenha nenhum papel nisso. É razoável que os EUA exijam a participação militar e diplomática europeia nesta competição, e há poucos motivos para manter forças significativas na Europa.

A criação da UE também sinalizou o que há muito era óbvio: que a Europa não dependia mais dos EUA economicamente. No mínimo, isso deu início a uma era em que a Europa perseguia políticas econômicas que desafiavam os interesses dos Estados Unidos. A ideia de que os EUA e a UE poderiam competir, enquanto os EUA continuavam responsáveis pela segurança da Europa, é e era bizarra. Foi um grande negócio para a Europa, mas difícil de engolir para os EUA.

É difícil, então, entender o que significa para os EUA se reintegrar aos seus parceiros europeus. As circunstâncias que criaram essa parceria se foram. E como os europeus não são particularmente sentimentais em relação aos EUA, eles têm um interesse nessa relação que diverge do americano. Eles querem garantias militares dos EUA e, até certo ponto, cooperação econômica americana, enquanto os EUA querem que a Europa assuma mais responsabilidades por sua própria defesa.

Além disso, os EUA e a Europa estão divididos em questões fundamentais, assim como os membros individuais da UE. Veja o gasoduto Nord Stream 2, por exemplo, que transporta gás natural russo para a Europa. A Polônia está horrorizada, a Alemanha ansiosa, Portugal indiferente. A União Europeia está se enfraquecendo sob a pressão da crise financeira de 2008 e da pandemia covid-19. A Grã-Bretanha saiu e a UE está ameaçando expulsar a Polônia e a Hungria, enquanto tenta descobrir como atender às necessidades de uma miríade de países com um banco central.

Existem questões geopolíticas em que a Europa deve assumir um compromisso ou negar qualquer envolvimento. Uma é a Rússia, que na verdade é muito mais fraca do que aparenta ser. Mesmo assim, o poder militar de um país é relativo ao de seus oponentes. No momento, a Europa não pode se defender da chance distante, mas não zero, de a Rússia se mover muito mais para o oeste. Isso é especialmente relevante agora que os Estados Unidos estão travando um confronto com a China. Os europeus devem coordenar e compartilhar os riscos com seu aliado ou deixar claro que não o farão.

A Europa tem a opção de reunir-se à aliança transatlântica com capacidades militares baseadas em seu poder econômico de hoje, não de 40 anos atrás. Uma aliança é baseada no risco compartilhado, e com certeza existem riscos, mesmo que sejam menos existenciais do que os da Guerra Fria. Se a Europa decidir não agir, os países individualmente podem fazê-lo. A UE é apenas um tratado econômico, não um Estado-nação e não é responsável pela política de defesa. Mas

a política econômica define as capacidades de defesa, e se a estrutura irracional da UE que separa o poder econômico do militar chegou a fazer sentido antes de 1991, certamente não faz mais.

Os EUA têm duas opções se a Europa não mudar de direção. A primeira é retirar-se, deixando que ela cuide da própria defesa, enquanto volta suas atenções para a China. A segunda é ignorar a União Europeia e lidar com os Estados europeus individuais em questões de defesa e econômicas, evitando efetivamente a UE. Para os EUA, ambas as estratégias apresentam problemas. A UE parece relutante em iniciar ações de longo alcance contra a China, preferindo ações mais modestas e menos arriscadas. Trabalhar com países individuais pode não funcionar e pode envolver os EUA na política intra-europeia. A clareza da missão da OTAN na Guerra Fria já não existe. Em uma questão fundamental para os Estados Unidos, retornar à Europa traz retornos mínimos.

No geral, uma aliança significativa beneficiaria os Estados Unidos, mas a questão é se os europeus querem uma aliança significativa. Ir a uma reunião e não insultar os anfitriões não constitui um regresso à Europa. E dado que a Europa não está disposta a tomar as decisões dolorosas que uma relação modernizada exige, é difícil entender o que significa um retorno à Europa, exceto jantar com algumas pessoas interessantes. Estamos em 2021 e cabe aos europeus perceber que a questão é assumir um papel atual se eles quiserem uma aliança.

---

\***George Friedman** é analista geopolítico e estrategista de assuntos internacionais mundialmente reconhecido. É fundador e presidente da Geopolitical Futures, um think tank especializado em relações internacionais e política externa americana. É autor de diversas obras, dentre as quais os best-sellers "Os próximos 100 anos" e "A próxima década".